

# HOMENAGEM

50



ISAIAH BERLIN [1909 - 1997]

# O mundo imperfeito de Berlin

*Converteu-se num truísmo sem grande valor intelectual afirmar que as utopias, em política, não funcionam. Será possível instituir na Terra um estádio de perfeição que os nossos antepassados só reservavam para o Céu?*

51

**N**a Alemanha, na União Soviética, na China ou no Camboja, sem falar no caso singular da Cuba de Fidel, que persiste há quase cinquenta anos, os resultados da “política da perfeição” enviaram a ideia de “utopia”, entendida como tentativa humana de refundar a própria natureza humana, para o livro negro da História.

Mas existe uma diferença, e uma diferença intelectualmente importante, entre afirmar a impossibilidade da utopia e explicar por que motivo a utopia está condenada ao fracasso.

No primeiro grupo integram-se todos aqueles que não passaram o século XX a dormir. Ou que leram história. Ou que conservam ainda um sentido moral razoavelmente intacto. No segundo grupo, encontram-se alguns nomes que, durante a centúria passada, procuraram desmontar a lógica do pensamento utópico e o fim trágico a que ele, fatalmente, acabaria por conduzir. Hoje, em 2007, é fácil olhar para trás e apontar para as ruínas. Isaiah Berlin, falecido há dez anos e nascido há quase cem, faz parte do segundo grupo. O grupo que apontou para as ruínas antes delas serem evidentes.

A afirmação exige uma explicação. Não é fácil, num

autor como Berlin, procurar resumir a multiplicidade do seu pensamento a um único bordão intelectual. Retomando o paradigma de Arquiloco, que Berlin cita num dos seus ensaios mais célebres (“The Hedgehog and the Fox”, 1953), existem riscos de simplificação grosseira quando transformamos uma “raposa” num “ouriço”. Ou vice-versa. Porque a “raposa” sabe muitas coisas: ela é a pluralista de serviço, comprometida com a multiplicidade de valores e fins de vida que definem a nossa condição. O “ouriço”, pelo contrário, sabe uma coisa muito importante: ele é um monista, concentrado numa única verdade explicativa do mundo. Seria Berlin, o pluralista por excelência, um monista anti-utópico, que ao escrever sobre uma multiplicidade de autores e temas se preocupou, no fundo, em escrever uma só coisa realmente importante? Acreditamos que sim.

*Isaiah Berlin faz parte do segundo grupo, que apontou para as ruínas antes delas serem evidentes*

Isaiah Berlin nasceu em Riga, actual Letónia, em 1909. Faleceu em Londres, em 1997. As datas não são meramente decorativas. Ter nascido no início da centúria e falecido no seu termo permitiu a Berlin atravessar e testemunhar o século XX — período da história humana em que as ideias tiveram uma influência decisiva, e tantas vezes destrutiva, no curso dos acontecimentos humanos. E a ideia que mais profundamente marcou Berlin foi a crença, longamente cultivada ao longo da história intelectual do Ocidente, de que as iniquidades que sempre afligiram a Humanidade teriam uma “solução final” à espera. A expressão “solução final”, pelas ressonâncias evidentes, dispensa apresentações. Mas é Berlin quem a repete nos seus ensaios, para acentuar a dimensão funesta da ideia: a “utopia” encontra-se disseminada pela literatura de uma civilização; mas só um poderio militar e tecnológico inigualável permitiu a sua transposição da literatura para a realidade.

E o que entende Berlin por “utopia”? Para o autor, a utopia representa um estádio onde os valores mais caros à existência humana surgem reconciliados na sua expressão máxima. De facto, seria impensável que o forte apelo do pensamento utópico residisse, tão só, na promessa de uma meia-perfeição: um regime onde a justiça, a igualdade, a liberdade e outros valores relevantes estivessem potenciados na sua expressão possível. Isso não seria uma utopia. Na utopia, os valores mais caros aos homens surgem potenciados no seu limite, o que confere ao conceito um apelo irresistível. Como recusar um estádio terreno onde a justiça, a igualdade, a liberdade e outros valores fulcrais reinam de forma gloriosa?

Entender o pensamento utópico implica conhecer

esta dimensão conceptual. Mas Berlin não se limita a sublinhar os contornos conceptuais da utopia. A recusa do utópico implica também uma crítica conceptual ao próprio conceito; uma demonstração da sua falsidade; uma demonstração dos alicerces viciados em que o pensamento utópico parecia assentar.

Essa indagação intelectual levou Berlin à História, mais particularmente à História das Ideias e à conclusão de que o pensamento humano oferece uma multiplicidade de valores e fins de vida que os homens foram procurando em condições variadas de existência. O pensamento utópico defende que os valores não

são incompatíveis, muito menos incommensuráveis: eles podem ser reconciliados e aplicados sem tragédia ou perda. Mas a História mostra precisamente o contrário: os valores que os homens perseguem são múltiplos, muitas vezes entram em conflito e exigem uma escolha agónica, ou seja, uma escolha que implica perda. Abraçar determinados valores implica, muitas vezes, abandonar outros.

Maquiavel representou na construção do pensa-

mento pluralista de Berlin um papel central. Desde logo porque o teórico florentino, tal como Berlin o apresenta em “The Originality of Machiavelli” (1972), percepcionou essa incompatibilidade entre valores, ou conjunto de valores, abrindo um dualismo na tradição monista ocidental. Acreditar que todas as questões genuínas terão uma, e apenas uma, resposta verdadeira; e que existe um método capaz de obter essas respostas; e que uma vez descobertas as respostas, todas elas serão logicamente compatíveis entre si, não parece sobreviver à pergunta matricial de Maquiavel: o mundo da moralidade pessoal (leia-se “cristã”) será compatível com o mundo da organização pública, que para o autor parecia exigir as virtudes “pagãs” que fizeram a grandeza de Roma? A resposta de Maquiavel será negativa e, para Berlin, a originalidade reside precisamente aqui: não no facto de Maquiavel ter separado a “moral” da “política”, como usualmente se afirma; mas antes ter mostrado como dois universos morais igualmente legítimos são incompatíveis entre si. Escolher Jerusalém significa abandonar Roma. E, para Maquiavel, abandonar uma vida tolerável na Terra — porque é na Terra que os homens vivem.

A História das Ideias é, para Berlin, essa recorren-



*Os valores que os homens perseguem são múltiplos, muitas vezes entram em conflito e exigem uma escolha agónica, ou seja, uma escolha que implica perda.*

te concordia discors entre o múltiplo e o uno: entre uma visão unitária do mundo, também partilhada pelos philosophes do Iluminismo; e a defesa da sua multiplicidade, como Maquiavel sugeriu e, posteriormente, Vico ou Herder aprofundaram.

Os homens, ao longo da história, sempre procuraram organizar as suas existências de formas diversas. Não desejaram necessariamente os mesmos fins de vida; desejaram fins diferentes, que se foram revelando muitas vezes incompatíveis entre si. Porque essa incompatibilidade está já inscrita na própria natureza dos valores. A liberdade ou a igualdade podem ser, e são, valores fulcrais para qualquer sociedade decente. Mas conceder a liberdade total aos lobos implicará a morte inapelável dos carneiros.

**S**ociedade decente”: eis a proposta que emerge com o pluralismo de Berlin. Desde logo porque a recusa histórica e conceptual da utopia não é um convite ao imobilismo político. A negação de um mundo perfeito não implica que as sociedades humanas devam capitular na busca de soluções possíveis para os problemas humanos.

Mas as soluções serão sempre pontuais, localizadas, e não esquemas abstractos que prometem a resolução total de problemas totais. Assim se explica como, na construção do pensamento político de Berlin, autores russos como Turgenev e, sobretudo, Herzen, tenham um papel preponderante. Em Turgenev, Berlin recolheu o temperamento cauteloso, judicioso, temeroso dos extremos e das vozes mais

*“Sociedade decente”: eis a proposta que emerge com o pluralismo de Berlin. Desde logo porque a recusa histórica e conceptual da utopia não é um convite ao imobilismo político.*

extremadas que exigem acção violenta e imediata. E, em Herzen, o herói intelectual de Berlin, a vigorosa afirmação de que os homens devem perseguir objectivos que se afigurem num horizonte próximo, porque o fim de cada geração é ela mesma — e não a promessa duvidosa de um futuro radioso, que surgirá depois do sacrifício no “grande altar das abstracções”.

A recusa de um mundo impossível devolve-nos à certeza de um mundo imperfeito: um mundo de recorrentes compromissos entre valores concorrentes; um mundo que exige o respeito da política pela vida dos seres humanos, impedindo-se assim situações extremas de sofrimento e humilhação em nome de um pensamento utópico que é histórica e conceptualmente incongruente.

É uma proposta modesta, sem dúvida, sobretudo para quem espera da política uma “solução final”. Mas o século XX já foi o palco dessas “soluções”; “soluções” que, ao contrário de Berlin, desaparecido há dez anos, não deixaram propriamente saudades.

## Carta de Tony Blair a Isaiah Berlin

10 Downing Street 23 October 1997

Dear Isaiah

I very much enjoyed your interview with Steven Lukes <<http://berlin.wolf.ox.ac.uk/lists/interviews/interviews.htm#lukes>> in Prospect this month. I hope you don't mind me following up with a letter asking your thoughts.

The brief discussion in the interview of the relationship between your two concepts of liberty is, I think, illuminating. The limitations of negative liberty are what have motivated generations of people to work for positive liberty, whatever its deprivations [sic] in the Soviet model. That determination to go beyond laissez-faire continues to motivate people today. And it is in that context that I would be interested in your views on the future of the Left.

You seem to be saying in the interview that because traditional socialism no longer exists, there is no Left. But surely the

Left over the last 200 years has been based on a value system, predating the Soviet model and living on beyond it. As you say, the origins of the Left lie in opposition to arbitrary authority, intolerance and hierarchy. The values remain as strong as ever, but no longer have a ready made vehicle to take them forward. That seems to me to be today's challenge. Political economy has been transformed over the last 25 years, and it is here that there is a great deal of work to be done. But there remains action, too, to devolve political power and to build a more egalitarian community.

So reconstruction, yes, but the end no!

I would be interested in your further views on the current situation, its historical place and significance, and the prospects for renewal.

All good wishes. yours ever

Tony Blair